



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p235-250>

**Construção e reconstrução: os caminhos da dialética na crítica
literária brasileira a partir dos desacordos críticos entre Roberto
Schwarz e Antonio Candido**

**Construction and reconstruction: the paths of dialectics in Brazilian
literary criticism based on the critical disagreements between Roberto
Schwarz and Antonio Candido¹**

*Tiago Salomon Bezerra Mouallem**

RESUMO

Esse trabalho se propõe a colocar em questão os caminhos tomados pela crítica literária dialética no Brasil, mapeando sua diversidade interna e suas contradições. Para tanto, será posta em comparação a produção de dois dos maiores críticos literários brasileiros, Antonio Candido e Roberto Schwarz – mais especificamente o diálogo direto construído por ambos com os artigos “Dialética da Malandragem” e “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”. Os textos, em perspectiva, parecem oferecer pistas de diferenças internas na produção crítica, o que indica sua força criativa e renovadora. Assim, as divergências entre ambos, que ultrapassam certa consonância metodológica, serão vistas como problemas em sentido fecundo, entendidas e interpretadas como forma de avanço no campo da crítica literária. As motivações de tais superações críticas entre os autores também servirão de guia para a análise, e se procurará entendê-las à luz do debate sociológico travado ao longo do século XX no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica brasileira; Pensamento brasileiro; Dialética; Antonio Candido; Roberto Schwarz

ABSTRACT

This work aims at questioning the paths taken by dialectical literary criticism in Brazil, mapping its internal diversity and contradictions. To this end, contributions of two of the most significant Brazilian literary critic, Antonio Candido and Roberto Schwarz, specifically examining the direct dialogue between their articles “Dialectic of

¹ Agradeço a Professora Doutora Ana Paula Sá e Souza Pacheco (DTLLC/FFLCH/USP), orientadora da pesquisa de Iniciação Científica que deu origem a este artigo. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa durante o período de desenvolvimento da pesquisa.

* Universidade de São Paulo – USP; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira – São Paulo – SP – Brasil – tiago.mouallem@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

Malandragem” and “Assumptions, Perhaps, of “Dialectic of Malandragem.”” When viewed put into perspective, these texts seem to reveal internal differences within this critical tradition, suggesting its creative and renewing force. Thus, the divergences between Candido and Schwarz, which go beyond methodological consonance, will be seen as fruitful problems, interpreted as advancements in the literary criticism field. The motivations behind these critical divergences will also guide the analysis, which will seek to understand them in light of the sociological debates in Brazil throughout the 20th century.

KEYWORDS: Brazilian criticism; Brazilian thought; Dialectic; Antonio Candido; Roberto Schwarz

Introdução

Roberto Schwarz foi aluno de Antonio Candido em 1958, no segundo ano do curso de Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo. Após se formar, Roberto migrou das Ciências Sociais para as Letras, a fim de estudar literatura – uma vez que se sentia “abatido com o lado empírico da pesquisa sociológica” (Schwarz, 2004). Antes de Roberto, Candido já havia trilhado o mesmo caminho ao passar da Sociologia para as Letras quando foi convidado para dar aulas de literatura brasileira em Assis (Candido, 1993). Depois disso, conviveram na USP, quando Roberto, em 1963, começou a ensinar Teoria Literária.

O contato entre ambos pode ser encarado para além das personalidades, uma vez que parece carregar em si importância decisiva para a crítica de literatura feita no Brasil: não é novidade que, partindo de uma primeira tradição de estudiosos da literatura, houve uma grande movimentação na crítica literária brasileira, capitaneada por Antonio Candido e sequenciada por Roberto Schwarz, que culminou na incorporação e prática da dialética como método crítico. Uma espécie de construção conjunta em continuação que, entretanto, não os poupou de debates diretos. Dentro desse quadro, as divergências decorrentes de suas produções formam um problema crítico, cujos motivos e consequências alimentam o interesse. Isto é, considerando a convergência dos autores em um mesmo campo crítico, o interesse deste artigo é o de entrever em suas obras certa diferença de pressupostos em vista dos ambientes intelectuais que os formaram.

Para isso, este artigo se divide em cinco partes, incluindo introdução e conclusão. Na primeira seção, o interesse é observar a *formação* de uma tradição crítica brasileira que desemboca em Antonio Candido, ou seja, o amadurecimento, ao longo de autores, de uma perspectiva que coaduna literatura e processo social em sua abordagem. Tomando o artigo “Dialética da Malandragem” como ponto de chegada da crítica dialética no Brasil, na seção seguinte, o foco é em compreender o método e os argumentos empreendidos por Candido nesse ensaio e a posterior discordância de Roberto Schwarz com seu artigo “Pressupostos, salvo engano, de Dialética da Malandragem”, em diálogo direto. Na terceira seção, é desenvolvida a hipótese de que as visões díspares entre os autores ecoam diferenças em suas formações intelectuais e no pano de fundo ideológico de seus períodos formativos. Com isso, este trabalho observa a construção da crítica literária dialética à luz do desenvolvimento do próprio pensamento político brasileiro.

1 A *formação* do campo crítico

Na busca de se compreender o desenvolvimento inicial da dialética no Brasil, é possível observar uma espécie de organização em linhagem ou entroncamento² entre os críticos literários desde gerações anteriores. É importante dizer que não se trata aqui de um olhar evolutivo, mas algo mais próximo ao que o próprio Antonio Candido chama de “tradição” ao tratar do sistema literário brasileiro (Candido, 2014) – isto é, o ato de não começar do zero, mas a partir dos problemas acumulados por antecessores. Assim, essa ideia de linhagem ou entroncamento se dá na medida em que os críticos, ao longo do tempo, se valem uns dos outros para obterem, como se verá, um acúmulo significativo para o campo da crítica literária brasileira. Trata-se de certa sedimentação crítica, mesmo que as consequências e resoluções vislumbradas, para os mesmos problemas, tomem caminhos distintos.

Um bom exemplo dessas relações é a importância que possui o crítico Silvio Romero para a produção de Antonio Candido. Roberto Schwarz trata dessa questão em sua “Saudação a Antonio Candido” – discurso proferido durante a cerimônia de outorga do título de Doutor *Honoris Causa* a Antonio Candido, concedido pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1987, e posteriormente reunido sob outro título em um de seus livros (Schwarz, 1999). Nesse discurso, Roberto faz um apontamento bastante interessante sobre como Antonio Candido, em sua tese de livre-docência, busca analisar *O método crítico de Silvio Romero* (Candido, 2006) traçando um debate sobre qual lugar deveria ocupar, no exercício da crítica literária, aquilo que era interno e o que estava externo ao texto literário. Para Schwarz, o que estava em jogo nessa discussão era a busca por autoconsciência crítica, o que implicava “um primeiro esforço de autossuperação” (Schwarz, 1999, p. 11). Assim, ao invés de discutir separadamente “estudos de contexto e estudos de forma”, seguindo as tendências internacionais, Candido buscava observar “o problema em sua feição local”, uma primeira lição da dialética. Além disso, ao valorizar os achados do antecessor sem ignorar suas debilidades, buscando com isso consolidar a *formação* de um campo crítico, Candido assume, sem rodeios, a fragilidade da própria tradição cultural brasileira – uma vez que, na formulação de

² Paulo Eduardo Arantes se vale desse conceito quando diz que Antonio Candido, “[...] entroncando na tradição ensaística clássica”, ajuda a desatar o nó histórico da falta de continuidade entre os intelectuais brasileiros (Arantes, 1997, p. 19).

Schwarz, “não há como saltar por sobre a própria sombra” (1999, p. 11) –, uma segunda lição da dialética.

Em uma espécie de prática própria, a ideia de *Formação* em seus termos parece valer também para o campo crítico. Segundo Paulo Arantes, a primeira vez em que o problema de formação do Brasil em âmbito cultural apareceu escrito foi justamente com Sílvio Romero, na segunda metade do século XIX, quando este assinalou como uma lacuna de formação a ausência de “seriação nas ideias”, ou de uma “genética” na produção de cultura no Brasil (Romero *apud* Arantes, 1997, p. 15). Romero aponta ainda para a falta de “tradições intelectuais no rigoroso sentido”, uma vez que o apego estrangeiro dos autores brasileiros não rendia exatamente um encadeamento ao longo do tempo, isto é, um acúmulo. O diagnóstico acertado vinha acompanhado de um prognóstico vacilante, uma vez que, para Sílvio Romero, essa situação conferia ao Brasil posição privilegiada – isto é, ponto fora da curva da “lei da ação do meio social” (Arantes, 1997, p. 16), esse desapego à tradição poderia propiciar maior liberdade ao arranjo global. Contudo, apesar de suas conclusões serem pouco produtivas para a busca de uma autonomia nacional – dado seu aspecto de crítica “terminológica e cientificista” (Schwarz, 1999, p. 11) e suas resoluções serem “disparatadas” (Arantes, 1997, p. 16) – Candido bem soube aproveitar seus estudos como leituras em que se aproximavam literatura e processo social, justamente para prosseguir com o que essas compreensões podem dizer a respeito da formação do pensamento brasileiro.

Seguindo esse caminho crítico, mais adiante, já na virada do século, o crítico José Veríssimo volta a pensar a construção literária brasileira, chamando a atenção para o que seria outra debilidade: a falta de coesão das “grandes literaturas”, isto é, a parca comunicação intelectual entre autores brasileiros. Essa ideia aparecia acompanhada de certa demarcação que o crítico lembrava, da literatura brasileira permanecer um “ramo da portuguesa” (Arantes, 1997, p. 23-24). Dotado de espírito dialógico, Antonio Candido retoma o argumento de Veríssimo em sua *Formação da Literatura Brasileira*, mas sem aderir a essa conclusão causal. Assim, os achados do crítico anterior parecem ressoar na importância dada pelo crítico à constituição de um “sistema literário” para a *formação*, mas corrigindo o que chama de “falta de senso de proporções”³, isto é, da feição brasileira

³ “A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas... Os que se nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e *falta do senso de proporções*. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossa” (Candido, 2014, p. 11, grifo nosso).

– outra lição da dialética. Assim, ao pensar a formação da literatura nacional, Candido se vale reiteradamente de achados críticos anteriores, de impressões e descobertas de antecessores, superando seus limites e construindo, assim, um consistente enlace teórico – o que é também formador no aspecto da tradição crítica.

2 Um diálogo direto e seus desdobramentos

Em 1970, Antonio Candido publicou o ensaio “Dialética da Malandragem”, no qual, a partir um diálogo direto com a tradição crítica, propõe nova análise do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (2011). A publicação desse ensaio constitui-se como um episódio fundamental para a crítica brasileira não apenas pelo ineditismo do método empenhado por Candido, mas também porque motivou diálogos construtores do campo crítico no Brasil⁴. Nessa esteira, Roberto Schwarz se fez o principal interlocutor de Candido, ao publicar, anos depois, “Pressupostos, salvo engano, da Dialética da Malandragem”. Os meandros desse diálogo serão vistos aqui com atenção.

Em “Dialética da Malandragem”, Candido, quase como um exercício didático, examina as diversas interpretações já feitas sobre o romance, indicando em cada uma delas o que havia de acerto e de equívoco. Ao longo do ensaio, o crítico vai desmontando os tantos argumentos inconsistentes que rondavam a interpretação das *Memórias*. Inicialmente, lista diferenças formais e representativas que rebatem a ideia de que seria este um romance picaresco, aos moldes espanhóis, ou um romance de costumes, caracterizado por uma espécie de “realismo antecipado”. Em seguida, Candido propõe enxergar Leonardo como malandro, o que abre caminhos profundamente férteis de interpretação, uma vez que, segundo Roberto Schwarz, é “[...] uma figura historicamente original, que sintetiza (a) uma dimensão folclórica e pré-moderna – o trickster; (b) um clima cômico datado – a produção satírica do período regencial; e (c) *uma intuição profunda do movimento da sociedade brasileira*” (1987, p. 131, grifo do autor).

Ao enxergar o romance dessa forma, também desmente o modo de vê-lo caracterizado por um romance de costumes ou de um realismo documental, pois, sendo representado o malandro, a obra se limita a um pequeno grupo social, longe de propor um registro “da realidade”, composta, sobretudo, por escravos e senhores. Além disso,

⁴ Em verdade, esses diálogos se mantêm ativos, com interlocuções ainda contemporâneas (Otsuka, 2007; Leite, 2024).

Candido diz que o realismo da obra está menos em sua capacidade descritiva e, sim, no plano da ação, quando a “realidade social historicamente localizada” serve à composição estrutural da obra, “fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos” (2015, p. 32-33). A partir daí, e entendendo as *Memórias* como um “romance representativo”, em que o autor conseguira intuir “certos princípios constitutivos da sociedade” (p. 35), por meio do método dialético, em que se articula forma literária e processo social, Candido localiza uma dinâmica formal interna ao romance, que encontra par na dinâmica de relações da sociedade brasileira do século XIX. Identificando o grupo social retratado no romance, o crítico vê que essa camada intermediária, os homens livres e pobres, é uma “organização fissurada pela anomia” (p. 39), que se demonstra nas idas e vindas dos personagens entre os polos do lícito e do ilícito, sem constrangimentos.

Dessa maneira, o crítico enxerga isso que chama de “dialética da ordem e da desordem”: no romance, um princípio formal que, “pela descrição do sistema de relações dos personagens”, mostra a “[...] construção, na sociedade descrita pelo livro, de uma ordem comunicando-se com uma desordem que a cerca de todos os lados [...]”, e que encontra “[...] correspondência profunda, muito mais que documentária, a certos aspectos assumidos pela relação entre a ordem e a desordem na sociedade brasileira da primeira metade do século XIX” (Candido, 2015, p. 32). Aqui, a dialética parece estar construída e demonstrada – daí o primeiro nível de importância do ensaio para a crítica literária brasileira.

Por último, a partir do diagnóstico do romance, o crítico encerra o ensaio localizando um “mundo sem culpa” no funcionamento social por ele mediado, que, em comparação com os Estados Unidos (ao retomar *A Letra Escarlata* de Nathanael Hawthorne), poderia conferir ao Brasil posição vantajosa. Em outras palavras, Antonio Candido sugere que o rigor da lei, o poder do castigo em outras sociedades, como a norte-americana, dá parâmetro comparativo para a pouca interiorização da ordem e a certa democratização dos costumes que caracterizaria a vida brasileira, tornando-a, em contraste, menos impregnada de “valores capitalistas” e mais porosa e flexível à “penetração dos grupos dominados”, e que isso facilitaria o estabelecimento brasileiro em “um mundo eventualmente aberto” (2015, p. 50-54). Justamente, é sobretudo esse prognóstico lançado nas últimas páginas do texto que irá fomentar a discussão entre os críticos.

Em “Pressupostos, salvo engano, de Dialética da Malandragem”, Roberto Schwarz analisa o ensaio de Candido e, como o título adianta, propõe com ele um diálogo crítico. De antemão, Schwarz chama a devida atenção à importância inovadora do método dialético para a crítica literária – que até então era bastante comentado sem, contudo, oferecer um resultado satisfatório – e faz questão de assinalar a qualidade argumentativa do texto. No entanto, para além das boas impressões que ocupam grande parte do ensaio, Schwarz monta críticas centrais ao texto de Candido, a serem resumidas.

A primeira é a de que, ao localizar a “dialética da ordem e da desordem”, o autor, a princípio, a identifica como um traço particular da experiência histórica de um setor social, e depois a generaliza como um “jeito brasileiro” – movimento que Roberto diz ser a “operação de base da ideologia”. A segunda crítica se trata da projeção otimista que essa generalização empenhada por Candido ganha, como se representasse um horizonte propício ao que seria uma organização pós-burguesa – aqui, para Schwarz, a prevalência de certa idealização e simpatia pelo universo estudado faz com que o autor tropece e a dialética histórica se interrompa (1987). Condensando as observações, Schwarz argumenta que, ao estruturar o “mundo sem culpa” da forma como fez – isto é, buscando vê-lo como uma espécie de colete salva-vidas *brasileiro* em oposição a uma asfixia moral norte-americana –, Candido “supõe histórias nacionais separadas, no quadro de um concerto de nações independentes”, o que se enfraquece “diante da extraordinária unificação do mundo contemporâneo, sob a égide do capital” (1987, p. 153). Roberto Schwarz ainda indica que a dialética exige do crítico que encontre termos comuns, isto é, que revelem “tanto as *Memórias* quanto *A letra escarlata*, o Brasil como os Estados Unidos”. Para ele, “o que está em jogo é o horizonte a que se refere a forma” (Schwarz, 1987, p. 153, grifo do autor).

Fato é que, nesse artigo de Schwarz, são indicados alguns desacordos decisivos entre os autores, que por sua vez parecem revelar menos distanciamento entre ambos e mais um esforço de superação do próprio pensamento brasileiro, aqui a própria dialética, uma vez que a contradição faz ver no interior da prática crítica o horizonte histórico entrevisto por um e outro crítico⁵.

⁵ Para uma outra interpretação, ver o artigo de Alfredo César Barbosa de Melo. Neste, cujo propósito é também pôr em perspectiva as obras de Candido e Schwarz, Melo busca compreender os sentidos daquilo que ele chama de “divergência silenciosa” entre os autores. Para ele, as discordâncias visíveis e pouco explicitadas ou, ainda, mal resolvidas pelos críticos parecem ter a ver com certa fragilidade do método dialético. Isto é, a diversidade diagnóstica entre os autores rivalizaria com a “crença numa certa objetividade da crítica literária”, apontada como própria da dialética, denunciando, com isso, o que seria a fraqueza do método: a perda da dimensão subjetiva da crítica literária. Desse modo, as discordâncias entre os críticos,

Ao explicar o método crítico – “uma palavra de ordem fácil de lançar e um programa difícil de cumprir” (1987, p. 129) –, Roberto Schwarz diz que “[...] trata-se de ler o romance sobre fundo real e de estudar a realidade sobre fundo de romance, no plano das formas mais que dos conteúdos”, isto é, “ler uma na outra, a literatura e a realidade, até encontrar o termo de mediação” (p. 140). Não se trata de buscar uma coisa na outra, uma vez que a forma de tratamento no estudo de cada objeto é diferente: no romance, a forma está internalizada e tem de ser bem lida, enquanto na realidade ela pode não estar registrada, embora aconteça – daí a função do crítico, de construir a teoria social a partir da literatura. A isso, Paulo Arantes vai chamar de “operação de dois tempos”: para entender a lei geral que rege um romance, é necessário fazer uma reconstituição da forma social correspondente, o que no Brasil não há disponível, “embora literariamente intuída” (1992, p. 42).

É com esse espírito que Roberto Schwarz se debruça sobre a obra de Machado de Assis – autor cuja obra representa o amadurecimento da Literatura Brasileira⁶. A partir desses estudos centrais para a solidificação da dialética nos estudos literários brasileiros, Roberto visualizou e construiu um argumento importante, que se propõe como uma explicação do país e que depois viria a se tornar um grande debate entre intelectuais brasileiros. Quando escreve o ensaio “As ideias fora do lugar”, o crítico argumenta que as ideias liberais, importadas da Europa, eram recebidas e praticadas, no Brasil, como ideologias deslocadas – e mais que isso, que aqui, essas “ideias” se resignificavam como uma ideologia de segundo grau (Schwarz, 2012a, p. 18-19). Há, com esse texto, um momento importante para a dialética no Brasil: um desentendimento entre Maria Sylvia de Carvalho Franco e Roberto Schwarz, o que gerou intenso debate de ideias, com desdobramentos posteriores.

se explicitadas e aprofundadas em suas convicções próprias, poderiam desmontar o método dialético, uma vez que este pretenderia “obliterar o investimento subjetivo do crítico no seu trabalho” (Melo, 2014). Essa posição, contudo, parece esbarrar no próprio conceito de *forma objetiva* formulado por Roberto Schwarz e trazido por Melo em sua argumentação. Ao defender a autonomia do objeto literário, cuja “configuração artística” escapa às pretensões autorais (Schwarz *apud* Melo, 2014), Schwarz parece argumentar sobre a independência do texto às crenças e desejos de seus autores, e não o esvaziamento das demais dimensões – histórica, social etc. – no exercício da leitura literária. Isto é, no interior do conceito, a direção parece ser outra.

⁶ Roberto Schwarz, em consonância com Candido em sua *Formação de Literatura Brasileira*, formula o argumento sobre Machado dizendo que “[...] um escritor cuja força e peculiaridade só se explicam pela interação intensa e aprofundada entre autores, obras e público, interação que comprova em ato a existência do sistema literário amadurecido” (Schwarz, 1999, p. 19). Em outro ensaio, “Os sete fôlegos de um livro”, Roberto Schwarz reafirma que “Machado de Assis é um ponto de fuga e de chegada do movimento de formação da literatura brasileira. Ao possibilitar a sua obra, despida de provincianismo e debilidades, o processo mostrava estar concluído” (Schwarz, 1999, p. 64).

A controvérsia se deu, em linhas gerais, pelo fato de Maria Sylvia argumentar que, no ensaio, o autor se equivocava ao cair em um diagnóstico dualista simples “[...] ao imaginar que uma ‘diferença essencial’ distingue as nações metropolitanas, sede do capitalismo, núcleo hegemônico do sistema, dos povos coloniais, subdesenvolvidos e periféricos” (Schwarz, 2012a, p. 47) – espírito que também move sua crítica às Teorias da Dependência. O comentário se faz frutífero à medida que fomenta um largo debate intelectual sobre a noção lançada por Schwarz. Reduzindo o debate ao diálogo entre os dois intelectuais, Roberto Schwarz escreve novo ensaio em resposta às questões lançadas, “Por que ‘ideias fora do lugar’?”. Ali o autor explica que, na verdade, o título do ensaio original carregava certo tom de ironia, uma vez que a impressão de que “[...] as ideias avançadas da Europa estejam fora do lugar na atrasada sociedade brasileira, à qual não serviriam [...] é um dos pilares do pensamento conservador no Brasil” (Schwarz, 2012b, p. 166). Para ele, não interessava corrigir a localização das ideias e nem reafirmar uma visão de que as ideias liberais do Ocidente eram “estrangeiras e postiças” no Brasil, mas, sim, discutir e entender os motivos de que assim parecessem. O argumento de que em solo brasileiro as ideias liberais se faziam uma “ideologia de segundo grau” se explica pelo fato de que, na Europa, o liberalismo já se fazia uma ideologia, pois os valores contidos nele – trabalho livre e igualdade perante a lei –, apesar de aparentemente funcionarem naquelas sociedades, maquiavam o principal, a exploração do trabalho; enquanto no Brasil a disparidade entre a teoria liberal e a organização social marcada pelos traços da escravidão se tornava ainda maior – com as contradições explícitas, vivia-se uma “comédia ideológica” (Schwarz, 2012a, p. 12).

Paulo Arantes localiza nesse “mal-entendido” entre os intelectuais um novo cruzamento e articulação de “experiência literária, percepção social e sentimento da dialética”, e diz ser esse o “mais inspirado, desses equívocos que abrem a porta certa [...] para a dialética” (Arantes, 1992, p. 46-47).

3 Pano de fundo: as formações intelectuais

A fim de aprofundar a comparação entre as diferentes visões críticas e buscar compreender as raízes e motivações de tal divergência, a observação das formações intelectuais de cada autor revela-se bastante frutífera. Como se vê, Roberto Schwarz, continuador do programa dialético, trabalha em relação direta com as impressões de Candido. Os principais estudos de cada um dos críticos são complementares, não à toa

Schwarz inicia sua crítica à obra de Machado de Assis de onde pararam os estudos da *Formação da Literatura Brasileira*. Segundo o próprio Roberto Schwarz, sua formação fora marcada por certa “tradição contraditória” – uma junção de formas europeias de Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e em aproximação também a trabalhos feitos na Universidade de São Paulo (USP) entre as décadas de 1950 e 1960, cujo propósito era pensar interpretações para o Brasil à luz d’*O Capital* (Schwarz, 2012c, p. 13). Paulo Arantes diz que “Roberto tornou-se crítico literário à sombra de um empreendimento muito pouco literário, [pois] teve o pressentimento (raro entre seus pares) das implicações literárias da revisão então em curso dos grandes modelos interpretativos das origens do Brasil contemporâneo” (Arantes, 1992, p. 62). Essa revisão se dava, como dito, nesses trabalhos desenvolvidos na USP pelos participantes do chamado Seminário Marx⁷, cuja avaliação era a de que “[...] nada se compreenderia de nossa marcha recalcitrante para o moderno enquanto não se passasse a limpo a combinação brasileira de capitalismo e escravidão” (p. 63).

Ainda segundo Paulo Arantes, as descobertas de Roberto Schwarz se deram a partir de sua proeza em “tirar consequências estéticas”, sobretudo em seus estudos sobre a obra de Machado de Assis, dos diagnósticos trazidos pelos teóricos da Dependência. Estes, em linhas gerais, entendiam que a “[...] dinâmica interna dos países periféricos é um aspecto particular da dinâmica mais geral do mundo capitalista” (Arantes, 1992, p. 49) e essa dinâmica, por sua vez, era vista como resultado “[...] tanto dos modos singularizados de sua expressão na periferia do sistema, quanto da maneira pela qual o capitalismo internacional se articula” (Cardoso *apud* Arantes, 1992, p. 49). Em outras palavras, essa análise, desenvolvida com agudez na obra de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (1970), mostrou como a força do capitalismo, cujo núcleo dinâmico estava nos países centrais, desenvolvidos, não era imposta somente de fora para dentro aos países subdesenvolvidos, mas articulavam-se em uma estrutura política interna a esses países, sobretudo pelas relações entre os grupos dominantes – o que influenciou decisivamente a interpretação e a crítica de Schwarz.

Ao avaliar o cenário político e intelectual em que esses trabalhos foram desenvolvidos, Roberto Schwarz diz que, com o avanço das pesquisas, criou-se uma “intuição nova” sobre o Brasil, que os organizou de forma geral. Para esses estudos, o objetivo era o de “[...] entender a funcionalidade e a crise das formas ‘atrasadas’ de

⁷ Sobre o grupo de estudos supracitado, seus componentes e suas implicações internas e externas, conferir a tese de doutorado de Lidiane Soares Rodrigues (2012).

trabalho, das relações ‘arcaicas’ de clientelismo, das condutas ‘irracionais’ da classe dominante, bem como da inserção global e subordinada de nossa economia” (1999, p. 119). Em outro trecho importante, no qual Roberto revela grande influência da obra de Celso Furtado e da Teoria da Dependência para a época, o crítico afirma que “[...] com altos e baixos, a floração do marxismo e da dialética no continente expressava e formulava esta repolarização dos pontos de vista, que impregnou de história e contradição a questão dita técnica da luta contra o atraso” (p. 122). De certa forma, o diagnóstico autoconsciente de Roberto Schwarz parece elucidar suas próprias posições críticas. Visto em perspectiva, seu contato íntimo com a chamada “teoria da dependência”, levado ao objeto aqui observado, parece ressoar mesmo em sua crítica àquela ideia do “mundo sem culpa” construída por Antonio Candido em sua “Dialética da Malandragem” – sobretudo em sua discordância em relação à oposição em termos nacionais colocada pelo autor.

Desse outro lado, Antonio Candido, em seu texto “A revolução de 1930 e a cultura” (2011), ressalta a importância de três autores dos chamados estudos brasileiros, cujas produções foram profundamente importantes para a formação intelectual do Brasil e para o estabelecimento de um ideário social da época. São eles Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Candido chama a atenção para o grau de consciência social que marca a obra desses autores, sobretudo pela identificação de certa “[...] ânsia de reinterpretar o passado nacional, o interesse pelos estudos sobre o negro e o empenho em explicar os fatos políticos do momento” (Candido, 2011, p. 230). Justamente, Roberto Schwarz indica que Candido se aproxima dessas noções quando nota a dialética da ordem e da desordem como uma “constante cultural” brasileira. Desse modo, nota-se a influência das Teorias do Subdesenvolvimento no pensamento de Candido, sobretudo quando enxerga, como oposição entre nações, as tensões desiguais localizadas nas obras que observa em comparação. Isto é, de alguma forma, nas projeções postas em seu ensaio, Antonio Candido recupera o diagnóstico de que o subdesenvolvimento se dá como resultado da desigualdade de trocas econômicas entre países, com vantagem aos países mais ricos. Em outras palavras, o atraso brasileiro seria, em boa medida, produto da ação de países desenvolvidos e imperialistas⁸.

⁸ Em sua dissertação de mestrado, Alice Ewbank, ao recapitular as críticas de Schwarz ao “mundo sem culpa” localizado por Candido, também diz da influência de Gilberto Freyre para o autor: “[...] a visão de Antonio Candido, neste sentido, teria antecedentes numa linhagem que viria dos antagonismos em equilíbrio de Gilberto Freyre, onde as arestas dos conflitos iminentes seriam podadas por uma doce flexibilidade entre os indivíduos” (2014, p. 145). Rodrigo Ramassote, em sua dissertação de mestrado, ao tratar da dupla influência, literária e sociológica, de Candido, também conclui na mesma direção: “Em particular, sobrealça a importância da sociologia como eixo analítico de sua visada crítica, ao redor do qual

Conclusão

Considerando as consequências nacionais dos distintos horizontes apontados pelas teorias do pensamento brasileiro, diferentemente do que acreditavam os teóricos do subdesenvolvimento, a burguesia industrial brasileira não apoiava o *projeto nacional* de industrialização. Nesse sentido, a dependência apresentava sua faceta interna e de classe, mas não apenas isso, nações deixavam de formar os principais polos de oposição e passavam a ser vistas de modo integrado à dinâmica global do capital. E são justamente as críticas da teoria da dependência às teorias do subdesenvolvimento que parecem calçar as críticas de Schwarz ao ensaio de Candido. A isso soma-se o transcorrer do tempo, a partir do qual o próprio movimento da história comprova ou desmente os horizontes antevistos.

Nesse sentido, Roberto Schwarz assinala a importância decisiva que o golpe de Estado sofrido no Brasil no ano de 1964 teve para o pensamento brasileiro. Com olhar de longo alcance, o crítico indica que o momento histórico agiu como uma espécie de “prova real” de crenças e horizontes políticos, o que incidiu sobretudo sobre sua leitura de Machado de Assis, justamente pela conseqüente novidade que o pós-golpe trouxe na compreensão ideológica das elites, iluminando retroativamente o próprio país⁹. Em entrevista, Roberto Schwarz afirma que

O [golpe de] 64 foi notável pelo que veio depois, mas também pelo que veio antes. De 1962 a 1964 o Brasil viveu um momento de pré-revolução, em que sobretudo os estudantes, mas também a cultura em geral, se realinharam em função de interesses populares, se abriram em direção deles, trocando as alianças de classe tradicionais. A vitória sobre toda sorte de emparedamentos de classe, a injeção de generosidade e inteligência trazida por essa inversão de alianças, pela recanalização dos fluxos culturais, alimentou a cultura brasileira por décadas, e algo dela dura até hoje. Entre outras coisas, foi isso que o pós-64 tratou de abafar. No novo quadro, que deixava de ser amenizado

se articulam conceitos-chaves, temas e questões pertinentes de seu projeto intelectual. Não restam dúvidas a respeito da influência central das ciências sociais na urdidura de suas formulações” (2006, p. 126).

⁹ Nesse sentido, o próprio argumento de Roberto Schwarz parece conflitar com a leitura proposta por Alfredo César Barbosa de Melo do conceito de *forma objetiva*. Ainda em seu artigo, Melo, levando às consequências aquilo que aponta como defeito da dialética (“o esforço frequente de remover a subjetividade da crítica”), chega a denunciar certo “apagamento” do que para ele seriam aspectos fundamentais para uma compreensão literária mais completa: “a paixão, a visão que temos do mundo e da sociedade brasileira na hora de lermos obras literárias” (Melo, 2014, p. 419-420). Nesse ponto, o exemplo de Roberto Schwarz sobre a influência dos movimentos históricos na sua leitura de Machado de Assis parece ilustrativo, uma vez que, assim posto, demonstra como o próprio fluxo histórico e sua experiência – ou, nos termos de Melo, elementos de uma dimensão subjetiva do crítico – determinam sua abordagem do objeto literário.

pelo populismo anterior, a posição furiosamente antipopular de uma parte das classes mais civilizadas do país ficou nítida. De repente, a descrença machadiana já não parecia um cacoete literário ou de temperamento, distante da vida, para fazer figura de conclusão bem fundamentada na realidade do país (Schwarz, 2000, p. 66).

Dessa forma, pensando no pano de fundo ideológico em que ambos os autores se formaram, entendendo suas obras como diálogo e seus caminhos de acordos e desacordos como movimentos da dialética, é possível pensar que as abordagens, ainda que complementares, montam, no plano da crítica literária, uma discussão travada anos a fio no pensamento político e econômico brasileiro, o que dá a medida da força e do alcance de Antonio Candido e Roberto Schwarz para a construção da crítica literária e para os estudos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ARANTES, P. E. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ARANTES, P. E. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. *In*: ARANTES, P. E. **Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido**, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CANDIDO, A. Os vários mundos de um humanista. Entrevista concedida a Gilberto Velho e Yvone Leite. **Ciências Hoje**, v. 16, n. 91, p. 28-41, 1993. Disponível em: <https://repositorio.canalciencia.ibict.br/s/repo-cc/media/26717>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- CANDIDO, A. **O método crítico de Silvio Romero**. 4. ed. revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CANDIDO, A. Dialética da Malandragem. *In*: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.

EWBANK, A. O. **No fio da comparação**: estudo do movimento crítico de Antonio Candido. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/819815.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

LEITE, G. Dialética da malandragem. **A Terra é Redonda**, 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/dialetica-da-malandragem>. Acesso em: 02 dez. 2024.

MELO, A. C. B. Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira. **Alea**: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 2, p. 403-420, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/8hRvBXW4k3nvc9g4BfsGdps/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 18 nov. 2024.

OTSUKA, E. T. Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 44, p. 105-124, fev. 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/34564>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RAMASSOTE, R. M. **A formação dos desconfiados**: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978). Dissertação (mestrado) UNICAMP/IFCH/Departamento de Antropologia Social, Campinas, 2006. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602541>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RODRIGUES, L. S. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo**: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978). Tese (doutorado). USP/FFLCH/Departamento de História, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05072012-164401>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’. *In*: SCHWARZ, R. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, R. **Sequências Brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, R. Tira-dúvidas com Roberto Schwarz. Entrevista concedida a Afonso Fávero, Airton Paschoa, Francisco Mariutti e Marcos Falleiros. **Novos Estudos CEBRAP**. n. 58, p. 53-71, nov. 2000. Disponível em: <https://novosestudios.com.br/produto/edicao-58/#59195f0802ca8>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SCHWARZ, R. Um crítico na periferia do capitalismo. Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 98, p. 12-19, abr. 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-critico-na-periferia-do-capitalismo>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. *In*: SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012a.

SCHWARZ, R. Por que ‘ideias fora do lugar’? *In*: SCHWARZ, R. **Martinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

SCHWARZ, R. Prefácio. *In*: SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012c.

Data de submissão: 01/08/2024

Data de aprovação: 03/10/2024